

Contribuições do pensamento de Byung-Chul Han para as teorias do jornalismo no contexto de desinformação¹

Hendryó André²

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR
Faculdade Ielusc, Joinville, SC

Resumo

O texto identifica, mediante revisão de literatura, contribuições de Byung-Chul Han para a compreensão das tensões entre jornalismo e desinformação. Para o filósofo, o tempo histórico do século XXI marca mudanças no regime de visibilidade, ocasionadas pela transição de uma *sociedade disciplinar*, na qual o jornalismo desempenhava um papel notório a partir de uma dialética da negatividade, para uma *sociedade do desempenho*, caracterizada por uma dialética da positividade. Entende-se a desinformação como uma consequência desse novo regime, alimentada pela crise narrativa em detrimento à oferta abundante de dados, algo que deve ser enfrentado pelas teorias do jornalismo.

Palavra-chave: Desinformação; teorias do jornalismo; sociedade disciplinar; sociedade do desempenho; Byung-Chul Han.

Introdução

O primeiro quarto do século XXI, caracterizado pela ascensão de um novo paradigma tecnológico, informacional e comunicativo, está atravessado, em maior ou menor grau, conforme o país ou região, pelo aumento da concorrência pela economia da atenção. Em duas décadas, o sonho da ampliação da participação social e da pluralidade de vozes, aparentemente materializado via internet, transformou-se no que tem sido chamado de *desordem informacional* (Wardle; Derakhshan, 2017), um movimento agudizado por um imperativo da exposição (Han, 2017). Baseado neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo identificar as principais contribuições do filósofo Byung-Chul Han para tensionar as teorias do jornalismo e o fenômeno da desinformação.

Segundo o pensador sul-coreano, o tempo histórico contemporâneo manifesta a transição de uma *sociedade disciplinar* para uma *sociedade do desempenho*. O modelo disciplinar — uma forma organizadora do poder que define a modernidade, à medida que tais técnicas consolidaram a racionalidade moderna — constituiu-se por meio de uma dialética da negatividade, na qual prevalecem as ideias de coerção e proibição. Nessa

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio de pós-doutorado (bolsa PNPd/Capes) no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor dos cursos de Jornalismo da UEPG e da Faculdade Ielusc. E-mail: hendryoandre@gmail.com.

sociedade do *não*, o jornalismo, um campo de visibilidade cristalizado em uma indústria constituída, em geral, por poucos atores, desenvolveu-se enquanto instituição social e campo hegemônico na economia da atenção de temas de interesse público. Já o modelo do desempenho, consubstanciado pela ascensão do novo paradigma tecnológico, parece ser caracterizado por uma dialética da positividade e da permissividade. Nessa sociedade do *sim*, na qual outros atores passam a disputar a economia da atenção pelas redes sociais digitais, o grau de proeminência da atividade jornalística reduz-se (Rüdiger, 2017) — o que, consequentemente, questiona e lança desafios às teorias do jornalismo.

Com o desenvolvimento e a popularização de tecnologias de comunicação e informação, as potencialidades de produção aumentaram, o que aponta certa sofisticação do capitalismo (Han, 2020). Dispositivos digitais, como a inteligência artificial generativa, por não terem repulsa ou alteridade, são entendidas como máquinas positivas (Han, 2021). Com a organicidade desses aparelhos na vida cotidiana, explica o autor, surge e tem se consolidado um regime de visibilidade que migra de uma lógica na qual poucos agentes tinham potencial de agendar a opinião pública para outra na qual, ao menos aparentemente, qualquer pessoa ou grupo — corporativo ou alternativo; analógico e/ou virtual — consiga, por “méritos próprios”, ganhar visibilidade.

Esse novo estatuto, bem verdade, não é determinado pela tecnologia em si. No século XX houve uma série de demandas sociais que clamavam pela descentralização dos meios de comunicação, o que, ao menos idealmente, fortaleceria a ideia de democracia (Ribeiro, 2004) e de participação (Shirky, 2011). Aguçado, contudo, pelo fenômeno da mediatização, aquele no qual as relações são convencionadas pela circulação discursiva mediada pela tecnologia, este novo regime tem alterado a dinâmica das relações sociais. A ascensão de movimentos identitários no espectro mais progressista e a organicidade de um pensamento intelectual de extrema direita parecem ser frutos desse movimento.

Para compreender essas questões, num primeiro momento faz-se um resgate de pontos do pensamento de Byung-Chul Han, especialmente no que concerne à migração em andamento de uma sociedade disciplinar, presente em toda a ontologia do jornalismo, para uma sociedade do desempenho, caracterizada pela divisão, que consiste na falta de reconhecimento da existência do *outro*. Na sequência, avalia-se o fenômeno da desinformação a partir da noção de *sujeito do desempenho*, argumento que sugere caminhos a serem tensionados pelas teorias do jornalismo, como a valorização da narrativa e a humanização dos relatos.

Da alteridade à divisão

Por se ordenarem por dispositivos de ataque e defesa, as sociedades do período pré-queda do Muro de Berlim e da dissolução da União Soviética compartilhavam, em maior ou menor grau e não sem contradições, características de gênese disciplinar, marcadas, sobretudo, pela *estranheza* mútua. Para além do âmbito geopolítico militarizado, essa configuração produziu resultados na organização da vida cotidiana e, consequentemente, nas representações construídas via práticas jornalísticas.

Em parte das sociedades do século XX, ainda em situações nas quais o *diferente* não causasse nenhum perigo, havia a intenção de compreendê-lo, seja para afastá-lo, isolá-lo ou eliminá-lo (Han, 2021). Predominava naquele contexto uma dialética da negatividade — aquela que, focada em uma ideia controversa de coletividade, *proíbe*; que é dominada pelo *não* (Foucault, 2014). Tal sistematização — que dispunha aos *anormais* instituições específicas, como manicômios e prisões, e aos *normais* fábricas, escolas e quartéis — exigia a adoção de critérios pautados por reações ao *outro*.

A alteridade, explica Han (2022b), é um princípio condizente com a democracia, pois, para que esse sistema possa existir, é fundamental a existência da imaginação: “A desaparecimento do outro significa o fim do discurso” (Han, 2022b, p. 52). As sociedades disciplinares existentes desde os primórdios do que se convencionou de modernidade só conseguiram se consolidar com o desenvolvimento de um regime de visibilidade que pudesse, com certa organicidade e autoridade, estabelecer uma espécie de hegemonia sobre atores e grupos que desviassem a norma. Os jornais e, mais tarde, os meios eletrônicos serviram de base para o desenvolvimento desse arranjo. O jornalismo, em especial, uma das fontes e um dos frutos de sociedades de gênese disciplinar, tornou-se um proeminente campo de visibilidade (Thompson, 2013), em particular, pela capacidade de institucionalmente se caracterizar pela ideia de *desvio da norma* (Shoemaker; Vos, 2011; Silva, 2014).

Desde o fim da Guerra Fria, contudo, parece estar em curso uma mudança de paradigma, de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho³, o que, quando se olha para as tensões entre jornalismo e desinformação, parece ainda não tem sido problematizada pelo campo teórico do jornalismo (André; Xavier, 2023). Rüdiger

³ Foi realizada uma discussão específica em torno dessa mudança em estudo anterior (André; Xavier, 2023). Lá se observa a existência de elementos disciplinares bastantes cristalizados nas sociedades contemporâneas, embora haja uma *sensação de liberdade* que põe em xeque alguns dos predicados dessas sociedades.

(2017, p. 181) auxilia no argumento quando afirma que, após o início dos anos 1990, houve “quem continuasse pregando que o jornalismo é uma força manipuladora sujeita interna e externamente aos interesses do capital”. Esses autores estariam ancorados, por vezes de modo genérico, ao que tem sido chamado de *neoliberalismo*. Rüdiger (2017) avalia que parte relevante dos autores pós-marxistas e pós-modernistas — ancorados em ideias como *fetichismo da velocidade* de circulação noticiosa e críticos “à alienação civil e ideológica promovida pela exploração econômica do sensacionalismo e a espetacularização da notícia” (Rüdiger, 2017, p. 185) — negaram o jornalismo enquanto instituição social.

Nesse sentido, Han (2020, 2021) traz argumentos que podem ser rearticulados a partir das teorias de jornalismo. Para o autor, é fundamental se pensar na noção de *alteridade*, ou seja, no reconhecimento e todas as suas implicações da existência do outro⁴, característica que, para ele, tem cedido cada vez mais espaço à ideia de *divisão*⁵. Ainda segundo o filósofo, essa técnica dificulta o reconhecimento da presença do diferente, de modo que “o estranho cede lugar ao exótico” (Han, 2021, p. 11). Assim, a alteridade tem disputado e perdido espaço para um modelo orientado por uma dialética da positividade — aquele que, concentrado em uma ideia de indivíduo, estrutura-se pelo *sim*, uma técnica “mais eficiente que a negatividade do dever” (Han, 2021, p. 25). De uma *biopolítica* centrada no poder sobre o corpo do sujeito (Foucault, 2015) passa-se a uma *psicopolítica*, que, mediante uma apologia irrestrita à liberdade, exerce uma forma de poder bem mais sofisticada sobre a psique (Han, 2020).

As sociedades contemporâneas, alavancadas pelo processo de globalização com densas discontinuidades, parecem migrar cada vez mais de uma matriz disciplinar para uma *sociedade do desempenho*, um conceito forjado por Byung-Chul Han para problematizar as transformações resultantes da migração de um paradigma disciplinar a um arranjo social pautado pelo desempenho, da negatividade à positividade. Vive-se, assim, um tempo de pobreza e de desvinculação, quase imperceptível, da negatividade.

Essa transição produz novas formas de violência que, por serem saturadas, e não mais privativas, manifestam-se de modos imperceptíveis. “A violência não provém

⁴ É importante perceber que instituições notórias das sociedades disciplinares, como presídios e hospícios e suas finalidades, respectivamente, prender e internar, propunham-se, ao menos idealmente, a exercer medidas com vistas a reintegrar sujeitos tidos como desobedientes.

⁵ Na tradução da obra consultada (Han, 2021), utiliza-se o termo *diferença*. Porém, aqui se adota o termo *divisão* por entender que ele define melhor a pré-disposição em não dialogar.

apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou estranho, mas também do *igual*” (Han, 2021, p. 15, grifos do autor). Segundo o autor, “um sistema que recusa a negatividade do outro desenvolve traços autodestrutivos” (Han, 2022a, p. 8). A divisão, neste sentido, passa a ser entendida como uma forma de violência entre iguais. Para o autor, o próprio cansaço, visto como resultado de uma economia da atenção que exige no mundo do trabalho o exercício de múltiplas tarefas, seria, além de um retrocesso civilizatório, um tipo de violência porque destrói sentidos de comunidade e proximidade, além da “própria linguagem” (Han, 2021, p. 71).

O cansaço se manifestaria também a partir de uma lógica algorítmica que corrobora o valor da positividade e amplia exponencialmente uma “explosão discursiva em torno do conceito de ‘identidade’” (Hall, 2014, p. 103). As identidades, ao mesmo tempo que exigem visibilidade a grupos historicamente marginalizados, têm virado uma espécie de mercadoria (Han, 2022b). Quanto mais se troca de identidade, explica, mais se impulsiona a produção. “A sociedade disciplinar industrial depende de uma identidade firme e imutável, enquanto que a sociedade do desempenho não industrial depende de uma pessoa flexível, para poder aumentar a produção” (Han, 2021, p. 97).

A noção de *sujeito do desempenho*, interagente que tem sua atenção disputada perenemente por informações e opiniões, e que vê a manifestação social midiaticizada como um imperativo histórico, auxilia na explicação de algo já levantado por Rüdiger (2017, p. 186), quando o autor avalia que “não deve haver espanto com o fato de as pessoas, atualmente, tenderem a consumir as notícias para satisfazer carências e ampliar repertório argumentativo, muito mais do que saber sobre a realidade”. Essa discussão foi trabalhada empiricamente em estudo recentemente publicado (Winques; André, 2025). A ascensão dessas redes informativas tem, para Rüdiger (2017), diminuído o grau de relevância do jornalismo. “Analisando bem, a figura do jornalismo estaria se tornando anacrônica diante do que se percebe em jogo nas redes digitais de comunicação, até pelo fato delas [as redes], acionando uma ‘guerra pela atualização do presente’, contestarem seus fundamentos práticos e teóricos” (Rüdiger, 2017, p. 192).

Em um contexto de disputa da economia da atenção (Han, 2022b), no qual “a opinião cedeu espaço à reação afetiva mais ou menos imediata” (Rüdiger, 2017, p. 194), a própria apologia ao sujeito do desempenho, aquele que se autovaloriza como produtivo, mas que, conforme explica Han (2021), continua a ser disciplinado por outros matizes, tem relações com a noção de identidade.

Do desempenho à desinformação

Como reforçar, via jornalismo, confiança — um postulado moderno (Giddens, 1991) e que está em um vértice oposto da ideia de transparência⁶ (Han, 2017) — a uma sociedade que almeja ou se aproxima da lógica do desempenho estudada por Byung-Chul Han? Conforme a argumentação do autor, a cultura se consolida pela criação de condições de atenção profunda, mas esta tem sido “cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção” (Han, 2021, p. 33). Autoexplorado e, paradoxalmente, detentor de uma sensação de liberdade, o sujeito do desempenho, imerso a uma sociedade que prega valores cada vez mais individualistas e hedonistas, está demasiadamente afetado pelo cansaço, abalado pela frustração de quase sempre não conseguir se revelar exitoso numa sociedade na qual, em tese, *tudo é possível* (Han, 2021).

Como dito, o antigo regime de visibilidade era pautado majoritariamente por um princípio de noticiabilidade inculcada pelo desvio da norma (Shoemaker; Vos, 2011; Silva, 2014). Esse atributo constituiu o jornalismo como uma proeminente instituição social e o tornou, em larga medida, tributário de uma lógica disciplinar. A transição em curso parece consistir numa mudança de paradigma que afeta aspectos ontológicos do jornalismo clássico das redações (Saad, 2021), razão que explicaria em parte as dificuldades para a área enfrentar o contexto do que se convencionou a chamar de *desordem informativa* (Wardle; Derakhshan, 2017).

Diametralmente opostos no campo dos sentidos, os dois arranjos são respaldados por formas de sujeição ao modo de produção capitalista, vinculado estreitamente à doutrina neoliberal (Han, 2020). Essa nova fase do sistema de produção “torna obsoletas técnicas disciplinares como a isolamento espacial, a regulamentação rigorosa do trabalho ou o adestramento corporal” (Han, 2022b, p. 8). Propicia, em contrapartida, o surgimento das mais diversas formas de violência, que produzem hostilidades que inviabilizam a abertura ao diálogo e ao consenso. Por isso, volta-se a atenção para a compreensão sobre desinformação, uma manifestação que demonstra um dos primeiros desafios resultantes do paradigma da pós-verdade (Träsel; Lisboa; Vinciprova, 2019).

Dito isso, desde a aceção de uma sociedade em rede (Castells, 2016), a percepção sobre convergência das mídias, tanto no âmbito das notícias quanto do

⁶ O autor diz que o predicado da transparência elimina qualquer negatividade. Quem reduz o conceito à liberdade de informação, diz o autor, não conhece o real alcance dessa técnica, já que todo o sistema social atual busca submeter seus processos “a uma coação por transparência” (Han, 2017, p. 11).

entretenimento, ultrapassa a percepção de uma mudança ocasionada majoritariamente pela tecnologia e se vincula ao campo da cultura. A tecnologia, contudo, materializou a possibilidade de descentralização do ecossistema midiático, uma demanda social bastante requerida ao longo do século XX⁷, o que proporcionou que o consumo midiático passasse de atores com comportamentos previsíveis — e até certo ponto pautados por uma ideia de obediência — para outro mais fluido, pautado pelo desempenho e pela necessidade de exposição (Han, 2022b), capaz de demonstrar, inclusive, “uma *declinante lealdade* a redes ou a meios de comunicação” (Jenkins, 2009, p. 47, grifos adicionados).

Essa nova maneira de se comunicar tem transformado a própria organização do consumo informativo. Nesse sentido, Han (2022b, p. 36) explica que as informações são responsáveis pela atomização do tempo, ou seja, “o tempo decai em mera sucessão de presentes pontuais. É nisso que as informações se distinguem das narrativas, que geram uma continuidade temporal”. Prazeres e Ratier (2020) trazem para o debate — segundo os próprios autores de uma forma inicial — questões sobre a velocidade na produção, circulação e recepção das notícias como um problema para ser enfrentado epistemologicamente pelo jornalismo para que retome para si a condição de instituição de *confiança*. De acordo com os autores, o processo de produção nessa nova lógica é abastecido pela ausência de “apuração aprofundada, a produção de informações sem uma fonte confiável e até a ausência dos critérios clássicos de noticiabilidade no produto desta lógica ultrarrápida e hipervolumosa” (Prazeres; Ratier, 2020, p. 87).

Já Han (2021) explica que por se tratar de um sujeito da afirmação, o sujeito do desempenho é, por definição, narcisista. “O narcisista não está afeito a experiências, ele quer vivenciar — em tudo com que se encontra ele quer vivenciar a si mesmo. [...] Bebe-se no si-mesmo”. Conforme o autor, apenas na experiência é possível encontrar o *outro*. Como bom narcisista, explica, o sujeito do desempenho busca a todo momento uma ideia de autenticidade, “a forma de produção neoliberal de si” (Han, 2022a, p. 37).

Outro aspecto elencado na obra refere-se às tribos digitais, constituídas à direita e à esquerda do espectro político. As informações são consumidas não mais ou apenas enquanto fontes de saber, e sim como uma manifestação identitária (Han, 2022b; Rüdiger,

⁷ Aqui cabe lembrar sobre as críticas dirigidas entre os setores letrados à lógica centralizadora e pouco pluralista dos meios massivos, em especial, a televisão. No Brasil, questões como o apoio à ditadura, a apologia acrítica ao liberalismo econômico, a superficialidade das coberturas, a baixa pluralidade de vozes, especialmente de atores e grupo historicamente reprimidos, entre outros fatores, nortearam as discussões sobre a necessidade de democratizar a mídia (Ribeiro, 2004). Nesse sentido, a possibilidade tecnológica de ampliar as vozes foi uma resposta a uma demanda social bastante antiga.

2017; Saad, 2021; Winques; André, 2025). Nesse sentido, fatos e dados contraditórios às convicções “são simplesmente ignorados, pois não se adequam à narrativa que gera a identidade, pois renunciar às convicções seria perder a identidade, o que é preciso evitar a qualquer custo” (Han, 2022b, p. 59). Rüdiger (2017, p. 190) reforça o argumento quando diz que ao jornalismo profissional, cuja produção noticiosa se tornou subordinada à lógica do fluxo das redes, resta o papel de uma entre tantas “forças de informação e intervenção na esfera pública”. Saad (2021, p. 61) também corrobora o argumento quando afirma que “não é a informação que forma a opinião, mas opiniões que filtram as informações que mais se adequam à visão de mundo pré-existente, servindo como meio de sua confirmação”. Essa percepção, em particular, foi avaliada empiricamente em estudo publicado recentemente (Winques; André, 2025), quando se debruçou sobre os papéis das instituições igreja e sindicato no consumo de conteúdos fraudulentos por evangélicos neopentecostais e professores sindicalizados.

Considerações possíveis

O presente texto buscou identificar contribuições de Byung-Chul Han para as tensões entre jornalismo e desinformação. Conforme pôde se observar ao longo do estudo, o autor é bastante cético em relação ao novo regime de visibilidade estruturado neste início de século, com o advento da sociedade em rede (Castells, 2016) e de uma cultura da convergência (Jenkins, 2009). O filósofo afirma, categoricamente, que “está condenada ao fracasso, portanto, a tentativa de, com a verdade, querer lutar contra a infodemia. Esta é *resistente à verdade*” (Han, 2022b, p. 46, grifos do autor). Argumento convergente foi usado por Rüdiger (2017, p. 195), quando o autor descredita que o contexto desinformativo será superado com mais *notícia* e *verdade*. “Supor que se pode refutar as fake news reservando uma e outra, a notícia e a verdade, às empresas jornalísticas, de forma apodítica, categorial e dogmática, é uma forma delas, mais que tentarem conservar o monopólio da legitimidade, se consolarem sem sucesso”.

De acordo com Han (2022b), tem havido cada vez mais uma perda da facticidade, ocasionada por uma crise da verdade. Esta, por sua vez, teria funcionado nas sociedades de gênese disciplinar como uma espécie de reguladora social. Com a lógica do fluxo das redes sociais digitais, isto é, com “todos podendo ser informantes ou dar o seu recado, o apelo às fontes está virtualmente desaparecendo ou, pelo menos, diminuindo

a força. Avança a crença de que, mais que a diferença entre informação e desinformação, importam a participação e a tendência nos movimentos” (Rüdiger, 2017, p. 195).

Nesse sentido, avalia-se que a elaboração de produtos narrativos, não resumidos a valores desviantes (Shoemaker; Vos, 2011; Silva, 2014), possa ser uma alternativa para que o jornalismo detenha ressonância nas sociedades contemporâneas. Não quer dizer, em absoluto, apostar na produção de boas notícias, ou ainda, no infoentretenimento. Significa, sim, valorizar a narrativa, recurso capaz de gerar senso de comunidade. “Histórias conectam as pessoas umas com as outras, na medida em que fomentam a capacidade de empatia” (Han, 2024, p. 15). As histórias, em detrimento à informação como uma sequência de fatos presentes fugazes, detêm negatividade.

Han (2022b, 2024) explica que a era das mídias digitais marca uma crise narrativa. Além disso, diz que o problema para se confrontar a desinformação passa, necessariamente, pelo enfrentamento ao corolário da informação. Ao contrário da verdade, que “é narrativa e exclusiva”, a informação é “aditiva e cumulativa” (Han, 2022b, p. 94). A apologia da sociedade da transparência é a de desnarrativizar o mundo, de transformá-lo em dados (informações). A humanização por meio da narrativa, que exige negatividade e, conseqüentemente, alteridade, propicia o limiar, ou seja, a ponte para o desconhecido. “Limiares podem assustar ou angustiar. Mas eles também podem alegrar ou encantar. Eles agitam *fantasias pelo outro*” (Han, 2022a, p. 62, grifos do autor). Como “só se pode acelerar um processo que é aditivo, e não um processo que é narrativo” (Han, 2017, p. 70), esse tipo de perspectiva pode abrir alguns espaços para as produções jornalísticas e, provavelmente, deva ser fruto de atenção das teorias do jornalismo.

Referências

- ANDRÉ, H.; XAVIER, C. Mapeamento de estudos sobre desinformação e jornalismo publicados em revistas indexadas pelo Portal de Periódicos da CAPES. **E-Compós**, Brasília, v. 26, 2023.
- CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. 5. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2016.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Universitária, 2014.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. DA; HALL, S.; WOODWARD, K. (Eds.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 103-133.

HAN, B. C. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2024.

HAN, B. C. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis: Vozes, 2022a.

HAN, B. C. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022b.

HAN, B. C. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. ed. 7. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

HAN, B. C. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

PRAZERES, M.; RATIER, R. O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 1, p. 86-95, jun. 2020.

RIBEIRO, R. J. **O afeto autoritário: televisão, ética e democracia**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

RÜDIGER, F. **Origens do pensamento acadêmico em jornalismo: Alemanha, União Soviética e Japão**. Florianópolis: Insular, 2017.

SAAD, E. Reflexões sobre ontologias jornalísticas no contexto de desinformação e crises sistêmicas. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 58-72, 2021.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SHOEMAKER, P.; VOS, T. P. **Teoria do Gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, M. P. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (org.). **Críticos de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 25-38.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 14. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

TRÄSEL, M.; LISBOA, S.; VINCIPROVA, G. R. Post-truth and trust in journalism: an analysis of credibility indicators in Brazilian venues. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 3, p. 452-473, 30 dez. 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Estrasburgo: Council of Europe, 2017.

WINQUES, K.; ANDRÉ, H. Informação como reforço de identidade: papéis das instituições igreja e sindicato na construção de conteúdos que desinformam. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. e47081, 2025.